

# OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO NA ATUALIDADE

Dr. Jonas Machado<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo é um estudo introdutório atualizado sobre os Manuscritos do Mar Morto. Questões como a história controversa e turbulenta de sua descoberta, a batalha por publicação, e as possíveis relações com o cristianismo e com a Bíblia são seus principais assuntos.

**Palavras chave:** Cristianismo antigo, judaísmo antigo, Manuscritos do Mar Morto, Qumran.

## ABSTRACT

This article is an up dated introductory study on the Dead Sea Scrolls. Issues as the controversial and turbulent history of their discovery, the battle for publishing, and the possible relations to Christianity and the Bible are its main subjects.

**Keywords:** Ancient Christianity, Ancient Judaism, Dead Sea Scrolls, Qumran.

## **INTRODUÇÃO – conceituação e relevância**

O que são os Manuscritos do Mar Morto? Certamente esta é a primeira pergunta a ser levada em conta para o tema que nos propomos desenvolver. O termo “manuscritos” diz respeito a textos antigos escritos manualmente antes da invenção da imprensa. No caso em questão, estamos falando de manuscritos que foram escritos entre dois séculos antes de Cristo e o primeiro século de nossa era.

Eles são chamados de Manuscritos do Mar Morto porque foram encontrados em cavernas que estão situadas no lado noroeste da margem ocidental do Mar Morto, especialmente no local chamado de Qumran. Esta palavra, Qumran, é o nome de um riacho intermitente (*wadi*, em árabe), nas redondezas da cidade de Jericó, à beira do Mar Morto. Esses leitos de antigos rios só recebem torrente de água em poucas ocasiões, no geral são apenas vales secos. O nome desses lugares parece indicar, segundo alguns linguistas, sua ligação com sua localização em lugar desértico, se aceitarmos Qumran como derivado da raiz *qmr* (“branco como a lua”), sentido que estaria presente também no topônimo Jericó, ainda que alguns associem Qumran à bíblica Gomorra (nas línguas semitas, o que importa são as consoantes, neste caso, *qmr*, ou *gmr*). Mas há ainda outras possibilidades que não nos cabe explorar nesta resumida apresentação.

Esses manuscritos foram encontrados em 11 cavernas a partir de 1947, e se tornaram a mais importante descoberta arqueológica dos últimos tempos. Sua importância pode ser descrita de muitas perspectivas, mas ela fica evidente por possibilitar, pela primeira vez, um acesso direto a documentos antigos do tempo de Jesus e antes dele.

### **As cavernas e o Sítio Arqueológico**

Um fato importante e também intrigante é que essas cavernas são muito próximas a um sítio arqueológico. Este sítio é constituído de ruínas do que foi um local habitado por grupo humano. O que não se sabe ao certo é quem habitou lá, com que propósito, e qual a relação com os manuscritos que foram achados. Justamente por isso, surgiram várias teorias sobre as possíveis relações entre o sítio e as cavernas. Grosso modo, prevalece a teoria de que as ruínas eram habitação de um grupo judaico, provavelmente essênios, que produziram esses documentos e usaram as cavernas para guarda-los. Mas essa teoria tradicional tem recebido críticas crescentes nos últimos anos.

## A história da descoberta

Segundo a versão oficial, tudo começou em 1947, por obra dos beduínos da tribo dos Tamirés, seminômades que habitavam o território do deserto da Judéia e que pastoreavam suas cabras e ovelhas em direção à costa noroeste do Mar Morto. A região fazia parte da área sob mandato britânico, em meio às agitações anticoloniais de judeus e árabes da Palestina. Desde as primeiras décadas do século XX, os britânicos estavam às voltas com a busca pela independência da Palestina, colonizada por judeus vindos de diversos países da Europa e, após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), engrossada pelos sobreviventes do Holocausto (em hebraico Shoá), destruição dos judeus pelo Nazismo). No início de 1947, um jovem pastor da tribo dos Tamirés, de nome Mohamed El Dib (cuja tradução seria “o lobo Mohamed”), buscava uma cabra desgarrada, correndo até esgotar-se. Parou para descansar debaixo de uma rocha e viu um buraco: a entrada de uma caverna. Aí a história se complica, pois para entrar na caverna não se pode fazê-lo sem ajuda de outra pessoa e de uma corda. Mohamed teria voltado no dia seguinte com um primo – por qual motivo, não se sabe. Ao entrar, encontrou nada menos que oito jarros de cerâmica intactos e tampados, além de restos de ao menos cinquenta mais. Num deles havia três rolos de couro com sinais escritos que eles não entenderam. Mas esta história é bastante questionável.

Entretanto, o que se pode tratar como fato real começa com o contato inicial de um arqueólogo judeu com esses manuscritos. Não se sabe bem como, um antiquário de Jerusalém telefonou ao arqueólogo da Universidade Hebraica de Jerusalém, Eleazar L. Sukenik (1889-1953), no dia 23 de novembro de 1947, para, dois dias depois, ser apresentado a um fragmento. Convencido da autenticidade, Sukenik queria ver o restante e estava decidido a ir ao antiquário de Belém, em meio às maiores turbulências políticas. De fato, no mesmo dia 23 de novembro, a Segunda Assembleia Geral das Nações Unidas, reunida em Lake Success, Nova Iorque, Estados Unidos, encarregou uma comissão especial de tratar do problema palestino. Após trinta e duas sessões de trabalho, a Comissão rejeitou o plano de criação de um Estado único na Palestina, por 29 votos contra 12 e 14 abstenções, e aprovou, por 25 votos favoráveis, 13 contrários e 17 abstenções, a criação de dois Estados, um judeu e outro árabe, tendo Jerusalém um estatuto internacional. A recomendação foi aprovada, no dia 29 de novembro, pela Assembleia Geral das Nações Unidas com 33 votos favoráveis – dentre os quais, o Brasil, a União Soviética, os Estados Unidos e a França - 13 contrários e 10 abstenções. Na Palestina a tensão entre judeus favoráveis à decisão e árabes contrários dificultava qualquer movimentação, mas Sukenik,

acompanhado de um antiquário chamado Cando, resolveu arriscar e ir a Belém. Levou três rolos e conseguiu voltar a Jerusalém ainda no dia 29 de novembro.

Sukenik comprou esses e outros manuscritos e os começou a estudar, enquanto a tensão política só aumentava. Os britânicos, de forma unilateral, anunciaram no dia 13 de maio de 1948 que poriam fim ao mandato britânico na Palestina à zero hora do dia 15 de maio de 1948; oito horas antes do fim da meia-noite, David Ben Gurion, presidente da Agência Judaica, proclamou, em Tel Aviv, o Estado de Israel. No mesmo dia 14 de maio, os vizinhos Egito, Síria e Jordânia atacaram o recém-criado Estado e a guerra intermitente estendeu-se por muitos meses. A região a leste de Jerusalém, onde estão as cavernas, ficou sob o controle da Jordânia, e já em janeiro de 1949 a gruta descoberta pelo “lobo Mohamed” ficou sob a guarda jordaniana. O Departamento de Antiguidades da Jordânia, a Escola Bíblica de Jerusalém (criada em 1890 pelos dominicanos) e o Museu Arqueológico Palestino organizaram uma escavação completa da caverna entre 15 de fevereiro e 5 de março de 1949. O padre dominicano e arqueólogo Roland Guérin de Vaux (1903-1970) foi logo encarregado do estudo arqueológico dos vestígios, com a publicação dos achados cerâmicos já em 1955.

### **O conteúdo e batalha por acesso e publicação**

Os primeiros manuscritos encontrados na caverna 1 totalizaram 7 documentos e mais alguns fragmentos. Estes documentos eram um rolo parcial do livro de Isaías (1QIsb), o Salmo de Ação de Graças (1QH), a Regra da Guerra (1QM), os primeiros três que foram comprados por Israel. Os outros 4 foram comprados pelo governo israelense posteriormente, a saber, o grande rolo completo do livro de Isaías (1QIsa), a Regra da Comunidade (1QS), o comentário Peshar de Habacuque (1QpHab) e o Gênesis Apócrifo (1QapGen). A caverna 1 produziu mais de 70 outros documentos fragmentares.

Nos anos 1960, Israel construiu o Santuário do Livro, em Jerusalém, onde esses documentos estão guardados até hoje. Na verdade, hoje este Santuário do Livro faz parte de uma grande área que compõe o Museu de Israel onde estão todos os originais desses documentos que foram encontrados.

Mas até serem esses textos reunidos no Museu de Israel, houve uma grande batalha inicial pela localização de mais cavernas e documentos após o achado da caverna 1, acompanhada de outra batalha pela publicação e/ou acesso a esses documentos. Ao se darem conta da importância da descoberta, tanto arqueólogos como beduínos se empenharam em encontrar mais ca-

vernas e documentos, aqueles com interesses acadêmicos e estes com interesses financeiros, de vender o que encontrassem. Os beduínos, de certa forma saíram vencedores porque encontraram as cavernas 11, com mais fragmentos, e especialmente a 4, onde estavam milhares de fragmentos importantes, que ficaram restritos a uma equipe de especialistas e causaram enorme polêmica pelo acesso e publicação nos anos que se seguiram.

Favorecido por questões políticas e diplomáticas, Roland de Vaux constituiu a mencionada equipe de especialistas e adquiriu acesso exclusivo aos fragmentos que foram posteriormente encontrados, especialmente os da caverna 4. Essa situação perdurou até o início dos anos 1990, quando a equipe passou a outras mãos, que não mais de Vaux e seus sucessores, liderada pelo judeu Emanuel Tov.

### **Relação com o sítio e outras fontes**

Além das possíveis relações entre os manuscritos encontrados e o sítio arqueológico, há também as alegadas relações com os essênios, citados pelas fontes clássicas de Josefo, Filo e Plínio, mas não mencionados no Novo Testamento. Logo depois do acesso à descoberta, Sukenik declarou entender que esses documentos eram pertencentes aos essênios citados por estas fontes clássicas. Esta teoria ganhou ampla aceitação e prevalece até hoje, ainda que modificada, ao passo que também há vigorosos críticos dessa teoria, cujas fileiras tem recebido crescentes e importantes adesões nos últimos anos.

### **Publicações**

Os primeiros documentos encontrados na caverna 1 e adquiridos por Israel foram publicados logo cedo. Ficaram à disposição dos estudiosos meses após o descobrimento, com edições dos textos originais e comentários.

A equipe de Roland de Vaux iniciou um lento e criticado trabalho de publicação dos documentos que estavam em seu poder, inacessíveis a quaisquer outros interessados. A coleção oficial recebeu o nome de Descobertas no Deserto da Judeia (em inglês Discoveries in the Judaean Desert, o DJD). Nas primeiras décadas, por diversos motivos, as publicações foram muito lentas aos olhos dos que estavam ávidos pelo acesso a esse material. Foram publicados apenas 8 volumes não muito extensos, se comparados os totais 42 que terminaram de ser publicados em 2011,

cujos volumes posteriores à equipe liderada por de Vaux eram bem mais extensos e completos.

Recentemente os documentos da caverna 1 foram disponibilizados na internet, que podem ser acessados no endereço [dss.collections.imj.org.il](http://dss.collections.imj.org.il). Entretanto, vale lembrar, estes são só da caverna 1, que já estão publicados há várias décadas.

No Brasil, temos algumas tímidas publicações. Destacam-se o livro de García Martínez, *Textos de Qumram*, que foi publicado em 1995, e que contém todo material não bíblico, incluindo os encontrados na caverna 4. Há também em português a obra do famoso estudioso judeu Geza Vermes. Até recentemente não era possível encontrar nem mesmo um exemplar da coleção do DJD no Brasil. Hoje as bibliotecas de grandes universidades como USP, UESP e UNICAMP dispõem de exemplares para os pesquisadores brasileiros.

### **Implicações para o cristianismo e a Bíblia**

O fascínio por esses documentos certamente é tangente às possíveis relações com o judaísmo antigo e cristianismo primitivo, especialmente com João Batista e Jesus de Nazaré. A demora das publicações suscitou reações, talvez a mais notória delas tenha sido a teoria da chamada “Conspiração do Vaticano”, que atribuía a demora da publicação a um suposto complô do Vaticano para esconder documentos comprometedores para os dogmas da igreja cristã.

Todavia, os documentos estão publicados e a suposta conspiração demonstrada como pura fantasia. Entretanto, isso não quer dizer que os documentos não tiveram impacto no judaísmo e cristianismo. Mas a principal contribuição foi mais geral, oferecendo uma visão mais ampla do que foi o judaísmo antigo, no qual estava inserido Jesus.

Entretanto, as possíveis relações mais diretas envolvendo Qumran, João Batista e Jesus não ficaram demonstradas, nem mesmo implícitas, uma vez que as proximidades entre esses documentos e o Novo Testamento estão num âmbito muito mais geral que específico. Não há qualquer evidência palpável de que tenha havido uma aproximação maior entre Jesus e/ou João Batista e o grupo por trás dos manuscritos em pauta.

Uma contribuição por outro viés diz respeito à transmissão do texto bíblico, especialmente do Antigo Testamento, uma vez que foram encontradas

diversas cópias de livros ou parte de livros desta porção da Bíblia. Algumas versões das Escrituras já usam alguns resultados das pesquisas desses textos, como se pode ver, por exemplo, nas notas de rodapé da NVI (Nova Versão Internacional) no livro de Isaías.

## Considerações finais

O objetivo dessa apresentação foi apenas dar alguns destaques à situação atual envolvendo o estudo dos Manuscritos do Mar Morto, uma descoberta de primeira grandeza para o estudo do judaísmo antigo e cristianismo primitivo, além da grande contribuição para melhor compreensão da fé cristã e da Bíblia.

Há muitos aspectos a serem considerados que nem mesmo foram aqui mencionados. Mas o intuito principal é que, com as publicações completadas e o acesso bem mais facilitado, inclusive para o pesquisador brasileiro, possamos nós aqui do outro lado do Atlântico ousar participar desse empreendimento promissor, que resultará em melhor compreensão das origens de nossa fé cristã e, duma perspectiva mais ampla, de nossa sociedade ocidental.

## LEITURAS SUGERIDAS

BOCCACCINI, Gabriele. *Além da Hipótese Essênica. A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*. São Paulo: Paulus, 2010.

GARCÍA-MARTÍNEZ, F. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACHADO, Jonas. "Perspectivas da hipótese "Qumran-Essênios". A propósito de um livro de Gabriele Boccaccini". In: *Estudos de Religião* 42, 2012, p.238-261.

MACHADO, Jonas e FUNARI, Pedro P. A. *Os Manuscritos do Mar Morto. Uma Introdução Atualizada*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012 (no prelo).

SILVA, Clarisse F. da. *O Comentário (Peshar) de Habacuc. A comunidade de Qumran reinterpreta o passado*. São Paulo: Humanitas/Fapesp/Judaica, 2010.

VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Mercury, 1997.

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia, Mestre e Doutor em Ciências da religião. Pós doutorando em História Antiga.